

# A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PSICÓLOGO CLÍNICO

GRUPPO, Daiane Carla de Souza<sup>1</sup>  
RODRIGUES, Gabriel Fidel<sup>1</sup>  
MARTINS, Guilherme Henrique da Silva<sup>1</sup>  
CUNHA, Sarah Fernandes<sup>1</sup>  
BOTARO, Maria Carolina Albuquerque<sup>2</sup>

**RESUMO:** A atuação do psicólogo clínico ainda é influenciada por representações sociais e estigmas que impactam o acesso e a continuidade da psicoterapia. Este estudo teve como objetivo geral analisar as representações sociais sobre o psicólogo clínico, e como objetivos específicos, identificar crenças, expectativas e fatores associados à permanência ou abandono do processo terapêutico. Realizou-se um estudo transversal, descritivo e quantitativo, com 198 participantes de ambos os sexos, maiores de 18 anos, utilizando um questionário online de perguntas fechadas. Os resultados indicaram que a maioria dos respondentes reconhece o psicólogo como um profissional que ensina técnicas para lidar com emoções e comportamentos, embora barreiras financeiras e culturais ainda prejudiquem a adesão ao tratamento. Conclui-se que, apesar de avanços na compreensão do papel do psicólogo clínico, esforços adicionais são necessários para desconstruir estigmas e ampliar o acesso à saúde mental.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica, Representações sociais, Estigma, Psicoterapia.

---

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

<sup>2</sup> Psicóloga pela Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF. Especialista em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental pela FAMERP. Mestre em Psicologia e Saúde pela FAMERP. Docente e Supervisora do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

# THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE CLINICAL PSYCHOLOGIST

**ABSTRACT:** The role of clinical psychologists is still influenced by social representations and stigmas that affect access to and continuity of psychotherapy. This study aimed to analyze the social representations of clinical psychologists as its general objective, and as specific objectives, to identify beliefs, expectations, and factors related to adherence or discontinuation of therapeutic processes. A cross-sectional, descriptive, and quantitative study was conducted with 198 participants of both sexes, aged 18 and over, using an online questionnaire with closed-ended questions. Results indicated that most respondents recognize psychologists as professionals who teach techniques to manage emotions and behaviors, although financial and cultural barriers still hinder treatment adherence. It is concluded that, despite advancements in understanding the role of clinical psychologists, additional efforts are needed to deconstruct stigmas and expand access to mental health services.

**Keywords:** Clinical psychology, Social representations, Stigma, Psychotherapy.

## INTRODUÇÃO

A prática inicialmente conhecida como “cura pela fala” (que mais tarde veio a ser chamada de psicoterapia) origina-se de uma relação complexa estabelecida ao longo da história da sociedade entre a filosofia, a medicina, a psiquiatria e a psicologia. Segundo Cordioli e Grevet (2019), estudos sugerem que formas primitivas de psicoterapia existem desde tempos remotos, sendo praticadas por curandeiros e xamãs.

De acordo com os autores Cordioli e Grevet (2019), o estoicismo (corrente filosófica helenista influente na antiguidade), exerce alta persuasão na psicologia. Para essa corrente teórica as emoções negativas resultam de julgamentos errôneos sobre a realidade, ou seja, da maneira como a percepção avalia e percebe os eventos ao seu redor. Os estoicos consideravam que uma pessoa sábia era aquela que mantinha suas emoções sob controle e não permitia que elas conduzissem seus comportamentos. Por outro lado, algumas correntes, como a da medicina, argumentam que a psicoterapia está profundamente interligada ao desenvolvimento da área médica, destacando o impacto terapêutico gerado pela relação entre médico e paciente, conhecida como *rapport*.

A psicoterapia clínica engloba várias abordagens e técnicas distintas, cada uma com suas próprias linhas de pensamento. Podemos enfatizar as seguintes: Terapia Cognitivo-Comportamental de Beck, uma abordagem que enfatiza a relação ativa entre os pensamentos, crenças, emoções e comportamentos do cliente (Beck, 2022); a psicanálise criada por Freud, abordagem que tem como objetivo compreender o funcionamento da mente humana dos sentimentos e pensamentos inconscientes (Freud, 1900); a abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que busca criar um ambiente de escuta empática e não julgadora para o cliente. Rogers (2009) enfatizava que a empatia é uma ferramenta crucial na relação cliente-terapeuta.

Conforme aponta Dutra (2004), a psicologia clínica, de acordo com a concepção social, possui estreita ligação com o modelo médico. Essa percepção tem como um de seus fatores primordiais a própria etimologia da palavra (“a beira do leito”) que faz referência direta ao modelo médico. O significado pode confundir a população geral acerca da verdadeira compreensão da práxis do psicólogo. Para a população, o médico é visto como um curador da doença física e o psicólogo é compreendido como aquele que trata os doentes mentais.

Segundo Eufrazio, Gomes e Katsurayama (2014) em seu artigo *A visão dos universitários sobre o papel do psicólogo: uma representação social*, a compreensão equivocada sobre o papel do psicólogo clínico não se limita ao público geral. Mesmo entre universitários, observa-se uma visão distorcida e, em muitos casos, até mais estereotipada sobre o processo terapêutico. Essa errônea interpretação contribui de forma negativa para a busca de atendimento psicológico e, infelizmente, ainda é observada nos dias atuais, sendo uma forma indireta de cercear tanto aqueles que necessitam de acompanhamento psicológico, como até mesmo a atuação do psicoterapeuta (Dutra, 2004).

Segundo Gonçalves *et al.* (2022), a Representação Social, proposta por Moscovici na década de 1960, refere-se a um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana. Trata-se de uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um grupo social. Essas representações, partilhadas por um conjunto de indivíduos e coletivamente produzidas, refletem o pensamento do senso comum.

No contexto social, as Representações Sociais orientam comportamentos e permitem que os indivíduos se situem no mundo, estabeleçam relacionamentos e interajam com o que é diferente, encontrando sua própria representação. Por meio dessa dinâmica, as pessoas tomam decisões e são reconhecidas por suas representações, que se conectam e dialogam com as representações de outros, promovendo uma interação mútua e contínua (Ruchdeschel, 2019).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as representações sociais sobre o psicólogo clínico. Os objetivos específicos incluem: levantar as crenças e expectativas em relação à profissão, identificar o estigma social associado ao papel do psicólogo clínico, verificar os fatores que influenciam a permanência ou o abandono do processo terapêutico e descrever as características sociodemográficas da população.

## **MÉTODO**

O presente trabalho foi desenvolvido com base na metodologia transversal descritiva, que consiste na coleta de dados em um determinado momento no tempo para investigar a presença de um comportamento ou característica em uma população. Essa abordagem é útil para avaliar a frequência e distribuição de um tópico de estudo em um grupo demográfico específico. Também foi utilizada a metodologia quantitativa, que se refere a uma classificação do método científico que emprega técnicas estatísticas para quantificar as opiniões e informações relevantes para o estudo (Prodanov; Freitas, 2013).

Participaram da pesquisa 198 pessoas de ambos os sexos (masculino e feminino), com idade superior a 18 anos. Foram excluídos da pesquisa profissionais e estudantes de psicologia, uma vez que sua formação e experiência na área poderiam influenciar suas respostas, gerando uma visão enviesada ou profissionalizada, que não representaria a percepção da população em geral. A pesquisa foi realizada por meio do Google Forms, e o questionário foi enviado em formato virtual, por meio de um link publicado em redes sociais, permanecendo disponível por 45 dias.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário de perguntas fechadas, cujo roteiro foi elaborado a partir de uma adaptação do instrumento criado por Lahm e Boeckel (2008) e More, Leiva e Tagliari (2001) em seus respectivos estudos, com dados relacionados a: Qual profissional procuraria caso precisasse de ajuda para a saúde mental? Tomar medicamento traz mais resultados que psicoterapia? Quais expectativas ao procurar um psicólogo? A conduta pode influenciar na permanência? Como descreve a psicologia? Qual a visão sobre a atuação do psicólogo? Já fez psicoterapia? Por quanto tempo? Se não fez, qual motivo? Qual abordagem? Voltaria fazer novamente? Qual a causa do encerramento? Qual experiência ao fazer psicoterapia? Já teve vergonha de relatar que faz psicoterapia? Qual o principal meio de acesso? Faz psicoterapia atualmente? Qual importância tem dado para a saúde mental?

Também foi aplicado um questionário sociodemográfico elaborado pelos próprios autores para caracterização da população com os seguintes dados: gênero; faixa etária; estado civil; escolaridade; renda mensal. A análise dos dados foi realizada mediante o programa Microsoft Excel 2016. As frequências dos dados obtidos estão

descritas em sua forma absoluta e relativa (porcentagens). Assim feito, serão analisados de forma conjunta para interpretação deles.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra contou com 198 participantes que responderam efetivamente aos instrumentos, ou seja, completaram o questionário de forma íntegra e de acordo com as instruções, sem omitir ou fornecer respostas inválidas. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas em números absolutos e porcentagens, sendo elas gênero, faixa etária, estado civil, escolaridade, e renda mensal.

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos participantes

<b>Variáveis</b>	<b>Participantes N= 198 %</b>
<b>Gênero</b>	
Feminino	129 (65,2%)
Masculino	69 (34%)
<b>Faixa etária</b>	
18 e 23 anos	77 (38,89%)
24 e 32 anos	54 (27,27%)
32 e 45 anos	40 (20,20%)
Entre 45 a 65 anos	26 (13,13%)
65+	1 (0,51%)
<b>Estado civil</b>	
Solteiro(a)	135 (68,18%)
Casado(a)	50 (25,25%)
Viúvo(a)	2 (1,01%)
Separado(a)	2 (1,01%)
Divorciado (a)	9 (4,55%)
<b>Escolaridade</b>	
Ensino Fundamental Incompleto	5 (2,53%)
Ensino Fundamental Completo	9 (4,55%)
Ensino Médio Incompleto	8 (4,04%)
Ensino Médio Completo	39 (19,70%)
Ensino Superior Incompleto	50 (25,25%)
Ensino Superior Completo	87 (43,94%)
<b>Renda Mensal</b>	
1 salário mínimo	41 (20,71%)
De 1 a 3 salários	102 (51,52%)
De 3 a 6 salários	37 (18,69%)
De 6 a 9 salários	3 (1,52%)

Mais de 9 salários	4 (2,02%)
Nenhuma Renda	11 (5,56%)

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

De acordo com os dados coletados e apresentados na Tabela 1, observa-se uma predominância do gênero feminino (65,2%) em comparação ao masculino (34,8%), corroborando os resultados da pesquisa de Borsezi *et al.* (2006).

No que se refere à faixa etária, as pessoas de 18 a 23 anos representam a maior parte da amostra (38,89%). O grupo de 24 a 32 anos e 32 a 45 anos tem uma representação parecida, onde as porcentagens são respectivamente 27,27% e 20,20%. A menor predominância encontra-se entre 45 e 65 anos e os maiores de 65 anos, com porcentagens de 13,13% e 0,51%, respectivamente, ao contrário do público alvo predominante da pesquisa de Borsezi *et al.* (2006).

A alta proporção pode indicar uma predominância de jovens adultos com maior acesso às redes sociais, já que o questionário foi divulgado de maneira digital. A análise do uso de redes sociais, conforme o *Panorama de Saúde Mental* do segundo semestre de 2023, pesquisa realizada pelo Instituto Cactus, entidade filantrópica ligada à promoção do bem-estar psíquico, junto à AtlasIntel, revela que a faixa etária de 16 a 45 anos é a mais conectada à internet e às redes sociais. Grande parte dessa população dedica três ou mais horas por dia a essas plataformas. Especificamente, o relatório aponta que 52,9% dos jovens entre 25 e 34 anos e 48,4% dos adolescentes de 16 a 24 anos utilizam as redes sociais de forma intensiva, contrastando com 30,4% da faixa etária de 45 a 59 anos e apenas 22,6% das pessoas acima de 60 anos.

No que se refere ao estado civil, grande parte da amostra é solteira (68,18%) e a segunda maior predominância são de pessoas casadas (25,25%). Os divorciados aparecem com 4,55% e, com uma baixa representação, os viúvos e os separados (1,01%).

Quanto à escolaridade, 2,53% dos participantes têm Ensino Fundamental incompleto, enquanto 4,55% possuem Ensino Fundamental completo. O Ensino Médio incompleto é representado por 4,04% dos participantes, e 19,70% têm Ensino Médio completo. A maior proporção é encontrada entre aqueles com Ensino Superior incompleto (25,25%) e Ensino Superior completo (43,94%), em contraste com o que foi apresentado por Borsezi *et al.* (2006).

Em relação à renda mensal, a parte predominante (51,52%) é dos participantes que possuem de 1 a 3 salários mínimos, enquanto 20,71% possuem renda

equivalente a 1 salário. Em seguida, 18,69% possuem de 3 a 6 salários, 1,52% recebem entre 6 e 9 e 2,02% têm uma renda superior a 9 salários mínimos. Além disso, 5,56% indicaram não terem renda. Corroborando a pesquisa de Lahm e Boeckel (2008), onde a maioria predominante de renda mensal foi de 1 a 4 salários mínimos.

Os dados da Tabela 2 revelam percepções diversas entre os respondentes, destacando aspectos importantes sobre a relação dos indivíduos e sua busca por cuidados relacionados a saúde mental.

Tabela 2 – Crenças e expectativas determinantes na busca por tratamento de saúde mental

<b>Variáveis</b>	<b>Participantes N= 198 %</b>
<b>Você procuraria o auxílio de um psicólogo?</b>	
Nunca	9 (4,55%)
Apenas em momentos específicos	62 (31,31%)
Sim	127 (64,14%)
<b>Caso você precisasse de ajuda para sua saúde mental, qual profissional você procuraria?</b>	
Psicólogo	85 (42,93%)
Psiquiatra	13 (6,57%)
Ambos	98 (49,49%)
Outro Profissional	2 (1,01%)
<b>Você acredita que tomar medicamento traz mais resultados do que fazer psicoterapia?</b>	
Sim	40 (20,20%)
Não	110 (55,56%)
Não sei responder	48 (24,24%)
<b>Quais as suas expectativas ao procurar um psicólogo?</b>	
Que ele me diga o que fazer	14 (7,07%)
Que ele me cure	9 (4,55%)
Que ele me ensine ferramentas e técnicas para lidar com meus pensamentos e emoções	160 (80,81%)
Não tenho expectativas pré-estabelecidas	15 (7,58%)
<b>Você acredita que a conduta do psicólogo influencia na sua permanência na terapia?</b>	
Sim	165 (83,33%)
Não	1 (0,51%)
Talvez	14 (7,07%)
Não sei dizer	18 (9,09%)

**Como você descreveria a psicologia?**

Como uma conversa ou aconselhamento	26 (13,13%)
Como uma ciência que atua no comportamento humano e processos mentais	166 (83,84%)
Não tenho conhecimento sobre a profissão	6 (3,03%)

**Qual a sua visão sobre a atuação do psicólogo?**

Psicólogo é só para “loucos”	0 (0,0%)
Psicólogo traz respostas para os seus problemas	18 (9,1%)
Psicólogo auxilia nas questões emocionais e comportamentais com técnicas e métodos científicos	178 (89,9%)
É apenas um bate-papo	2 (1,0%)
Não sei dizer	0 (0,0%)

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

A maioria das pessoas 64,12% procurariam o auxílio de um psicólogo, o que sugere que grande parcela das pessoas compreendem a necessidade da psicoterapia. Segundo Fedato (2021), a busca por apoio em saúde mental consiste no ato de se comunicar com outra pessoa para receber ajuda em situações consideradas problemáticas ou geradoras de grande angústia. Apenas 4,55% dos respondentes afirmaram que não procuram o auxílio psicoterápico, enquanto 31,31% fariam apenas em momentos específicos.

Quando perguntado sobre qual profissional procurariam caso necessitassem de ajuda para sua saúde mental, 49,49% dos respondentes indicaram preferência por ambos os profissionais em seu tratamento, ou seja, psiquiatra e psicólogo. No entanto, 42,93% considerariam procurar o profissional da psicologia para a resolução de questões relacionadas a saúde mental.

A percepção sobre a eficácia da medicação em comparação à psicoterapia também foi explorada. Mais da metade dos participantes (55,56%) acreditam que a psicoterapia traz resultados melhores do que os medicamentos, embora 20,20% acreditem no contrário e 24,24% admitiram incerteza opinativa sobre o tema. Pereira (2019), ao realizar uma análise bibliográfica, demonstrou que os resultados analisados são consistentes, indicando que a psicoterapia tem um efeito duradouro que não é encontrado na farmacoterapia. As evidências sugerem que a psicoterapia é tão eficaz quanto a farmacoterapia. Embora, em alguns aspectos, a psicoterapia possa apresentar resultados superiores, os estudos também indicam uma eficácia similar na utilização de ambos os tipos de tratamento.

Em relação às expectativas ao procurar um psicólogo, 80,81% das pessoas espera que o profissional ensine ferramentas e técnicas para lidar com seus

pensamentos e emoções, 7,58% não tem expectativas pré-estabelecidas, 7,07% tem a expectativa de que o profissional diga a ele o que fazer e apenas 4,55% espera que o psicólogo o cure. Diante disso, é possível compreender que uma grande parcela das pessoas entrevistadas tem suas expectativas alinhadas com a proposta de trabalho do psicólogo.

O dicionário on-line brasileiro da Língua Portuguesa “Michaelis” (2024) apresenta algumas definições para a palavra ‘expectativa’. Entre elas, encontram-se: uma referência como determinado indivíduo prospecta uma situação, sendo, portanto, uma construção imaginária derivada de uma vasta gama de fatores que perpassam pela vivência do sujeito; situação de quem espera um acontecimento em tempo anunciado ou conhecido; esperança baseada em supostos direitos, probabilidades ou promessas; estado de quem espera um bem que se deseja e cuja realização se julga provável.

Segundo Pipolo (2017), pacientes que possuem expectativas altas tendem a obter índices de respostas melhores ao processo psicoterapêutico no que tangencia a redução de sintomas, ademais possibilita o desenvolvimento de uma aliança terapêutica sólida durante o tratamento.

A conduta do psicólogo foi identificada como um fator crucial na decisão dos participantes de continuar ou não na psicoterapia, com 83,33% das pessoas afirmando que ela influencia diretamente sua permanência no processo terapêutico. Portanto, é imprescindível que o psicólogo trabalhe de forma ética. Para Oliveira e Ladeira (2019), quando o profissional trabalha de forma antiética e ignora suas limitações, deixa de auxiliar seu paciente, acaba frustrando-o e até piorando seu estado. A ética não tem a finalidade de normatizar, mas servir como modelo de conduta que seja capaz de orientar os profissionais para que atuem com responsabilidade, evitando condutas que possam gerar sofrimento aos pacientes.

Os dados apresentados mostram que a maior parte dos respondentes (83,84%) compreende a psicologia como sendo a ciência dedicada ao estudo comportamental do ser humano e dos processos cognitivos. No entanto, uma parcela menor (13,13%) compreende como apenas um diálogo ou aconselhamento, representando uma interpretação mais popular ou leiga da prática do psicólogo clínico. Por fim, 3,03% afirmam não conter nenhum conhecimento acerca da profissão.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2022), a psicoterapia é um campo de conhecimentos teóricos e técnicos, que se desenvolve em um relacionamento

interpessoal. O processo psicoterapêutico se respalda em métodos sob uma perspectiva biopsicossocial, reconhecidos pela ciência por sua eficiência e eficácia, e orientados pela ética profissional.

Por fim, na prática do psicólogo clínico, 89,9% dos participantes reconheceram esse profissional como responsável pelo manejo de questões emocionais e comportamentais. Tal compreensão representa um entendimento mais profundo sobre a profissão. Uma proporção menor dos respondentes (9,1%) acredita que o psicólogo tem a função de oferecer respostas definitivas para suas questões. Apenas 1,0% vê a atuação psicológica como um simples “bate-papo” e nenhum participante a denominou como sendo uma profissão exclusiva para “loucos”.

Esses dados podem ser contrastados com os resultados de um estudo realizado pela Market Analysis, Fermiano e Goulart (2016), que revelou que quatro em cada dez brasileiros acreditavam que a psicoterapia não valia a pena, enquanto 34% viam a psicoterapia como algo reservado a pessoas com problemas muito graves. No entanto, a mesma pesquisa aponta que essa visão tem diminuído ao longo do tempo. Em 2002, ano da primeira medição do instituto, cerca de 42% dos entrevistados compartilhavam essa percepção, o que evidencia a redução do estigma associado à psicoterapia nos anos seguintes.

A Tabela 3 apresenta dados relevantes sobre o comportamento e as crenças dos participantes em relação à psicoterapia, permitindo uma compreensão mais aprofundada das razões que levam ou impedem a busca por esse tipo de tratamento.

Tabela 3 – Motivações e barreiras relacionados a busca e permanência na psicoterapia

<b>Variáveis</b>	<b>Participantes N= 198 %</b>
<b>Você já fez psicoterapia?</b>	
Sim	108 (54,55%)
Não	90 (45,45%)
<b>Se <u>SIM</u> por quanto tempo?</b>	
Até 3 meses	40 (37,04%)
De 3 meses a 1 ano	24 (22,22%)
Mais de 1 ano	44 (40,74%)
<b>Caso <u>NUNCA</u> tenha feito psicoterapia, escolha a alternativa que melhor responda:</b>	
Nunca fiz psicoterapia por ter vergonha de falar sobre meus problemas	6 (6,67%)

Nunca fiz psicoterapia por questões financeiras.	31 (34,44%)
Nunca fiz psicoterapia, pois acho que não preciso de tratamento	32 (35,56%)
Nunca fiz psicoterapia por não ter interesse	16 (17,78%)
Não responderam	5 (5,56%)

**Se você já fez/ faz psicoterapia, qual abordagem foi utilizada pelo seu psicoterapeuta?**

Psicanálise	34 (31,48%)
Terapia Cognitiva Comportamental	39 (36,11%)
Terapia Existencial Humanista	5 (4,63%)
Outra	2 (1,85%)
Não sei responder	28 (25,93%)

**Caso você tenha feito psicoterapia e encerrado o tratamento psicológico, você voltaria a fazer novamente**

Sim	71 (65,74%)
Não	6 (5,56%)
Talvez	17 (15,74%)
Não sei dizer	3 (2,78%)
Não Responderam	11 (10,19%)

**Caso tenha encerrado o processo terapêutico, qual foi a causa?**

Motivos Financeiros	30 (27,78%)
Questões sobre a conduta do profissional	17 (15,74%)
Melhora da queixa apresentada	26 (24,04%)
Sentimentos pelo psicólogo	2 (1,85%)
Falta de progresso percebido	5 (4,63%)
Dificuldade de adaptação ao processo	7 (6,48%)
Não responderam	21 (19,44%)

**Qual foi a sua a experiência ao fazer psicoterapia?**

Excelente	31 (28,70%)
Boa	57 (52,78%)
Regular	13 (12,04%)
Ruim	7 (6,48%)

**Você já teve vergonha de falar que fez ou faz psicoterapia?**

Não	78 (72,22%)
Sim	29 (26,85%)
Não responderam	1 (0,93%)

**Qual seu principal meio de acesso a psicoterapia?**

Clínica Privada	52 (48,15%)
Convênio	34 (31,48%)
Projeto Social	7 (6,48%)
SUS	14 (12,96%)
Não responderam	1 (0,93%)

---

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

No primeiro bloco da Tabela 3 observamos que 54,55% dos participantes já fizeram psicoterapia, enquanto 45,45% nunca a procuraram. Entre aqueles que realizaram psicoterapia, destaca-se que 40,74% foram tratados por mais de um ano, o que indica um engajamento mais longo com o processo terapêutico. Já 37,04% realizaram psicoterapia por até três meses, sugerindo uma experiência mais breve e, possivelmente, uma tentativa inicial de tratamento. Outros 22,22% fizeram entre três meses e um ano de psicoterapia, mostrando um comprometimento intermediário com o processo.

Cardoso (2021) destaca que a duração do tratamento é um fator relevante para a continuidade na psicoterapia, uma vez que pacientes que se engajam por mais tempo costumam apresentar um comprometimento maior com o processo. Em contrapartida, períodos mais curtos de terapia, como até três meses, podem refletir tanto uma tentativa inicial de tratamento quanto dificuldades em manter a adesão.

No que diz respeito aos motivos para nunca ter feito psicoterapia, as principais razões destacadas foram questões financeiras (34,44%) e a crença de que não precisam de tratamento (35,56%). Isso revela que, além de barreiras econômicas, há uma percepção entre alguns participantes de que não necessitam de apoio psicológico. Outros fatores como a vergonha de falar sobre seus problemas (6,67%) e o desinteresse (17,78%) também foram apontados, indicando que questões emocionais e culturais podem influenciar negativamente a busca por tratamento.

O abandono e a baixa adesão à psicoterapia estão frequentemente relacionados tanto a fatores econômicos quanto a crenças pessoais. Segundo Essarts *et al.* (2022) as dificuldades financeiras e a percepção de que a psicoterapia não é necessária aparecem como barreiras importantes, enquanto o desinteresse e a vergonha de expor sentimentos refletem o impacto das dinâmicas emocionais e culturais no engajamento com o tratamento. Enquanto isso, em relação às abordagens terapêuticas utilizadas pelos psicoterapeutas, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) foi a mais citada (36,11%), seguida pela Psicanálise (31,48%). Ainda assim, 25,93% dos participantes não souberam identificar qual abordagem foi utilizada, o que pode sugerir uma falta de entendimento sobre o método terapêutico aplicado ou uma menor comunicação entre terapeuta e paciente em relação à metodologia.

Guimarães (2022) ressalta que diferentes abordagens psicoterapêuticas apresentam características distintas em sua prática clínica, com ênfase em aspectos específicos. O autor evidencia também que uma parcela significativa dos pacientes

não consegue identificar claramente a abordagem utilizada, o que sugere a necessidade de maior transparência na comunicação entre terapeuta e cliente quanto ao método aplicado.

Sobre o retorno dos pacientes que já passaram por psicoterapia, foi questionado se eles considerariam retomar o tratamento. A maioria (65,74%) indicou que retornaria ao processo psicoterapêutico. Em seguida, estão os que talvez voltariam (15,74%), enquanto um número menor afirmou que não retornaria (5,56%) e aqueles que não souberam dizer se retornariam (2,78%). Esses dados podem refletir aspectos como a experiência dos pacientes com o tratamento, a eficácia da psicoterapia e outras questões pertinentes, incluindo a visão dos entrevistados sobre a psicologia clínica. Adicionalmente, 10,19% dos participantes que foram atendidos por psicólogos clínicos não responderam à pergunta.

A relação entre psicólogo e paciente é uma ferramenta crucial para a continuidade e o sucesso da psicoterapia. Esse vínculo cria um espaço seguro, permitindo que o paciente se sinta confortável para abordar suas dificuldades e conflitos. Quando essa conexão é sólida, o paciente pode confiar no acolhimento empático do psicólogo, o que favorece o avanço no tratamento. Por outro lado, uma aliança terapêutica frágil pode resultar em retrocessos ou até mesmo no abandono da terapia. Assim, fortalecer esse vínculo terapêutico é essencial para promover uma melhora significativa no bem-estar do paciente (Costa, *et al.*, 2020).

Os motivos que levaram os participantes da pesquisa a encerrar o processo terapêutico foram diversos. Entre eles, destacam-se a melhora das queixas apresentadas (24,07%) e questões relacionadas à conduta profissional do psicoterapeuta (15,74%). Segundo Ortolan e Sei (2022), a continuidade ou abandono da psicoterapia pode estar relacionada a diversos fatores, como a satisfação com o tratamento e o alcance dos objetivos terapêuticos. A decisão de retomar o processo psicoterapêutico reflete não apenas a percepção do paciente sobre a eficácia da intervenção, mas também sua disponibilidade subjetiva para novas mudanças e a qualidade da relação estabelecida com o terapeuta.

No entanto, o principal fator associado à evasão da psicoterapia é a questão financeira, representando um total de 27,78%. Essa situação pode propiciar o encerramento do processo terapêutico, uma vez que pacientes que enfrentam dificuldades econômicas frequentemente interrompem o tratamento de forma prematura. Portanto, o custo do tratamento psicológico se torna uma despesa opcional

e não essencial para muitos indivíduos, especialmente em face da necessidade de alocar recursos para itens essenciais. Assim, os fatores financeiros revelam-se significativos na continuidade do suporte psicológico (Alves; Fonte; Martins, 2020).

Além disso, outros fatores foram identificados, como o desenvolvimento de sentimentos pelo psicoterapeuta (1,85%), a falta de progresso percebido (4,63%) e dificuldades de adaptação ao processo 6,48%. Concomitantemente, (19,44%) dos entrevistados não responderam à pergunta.

Acerca da experiência dos entrevistados com a psicoterapia, a maioria relatou experiências positivas. De acordo com os dados, 28,7% (experiência excelente) e 52,78% (experiência boa) tiveram vivências positivas. Além disso, 12% (experiência regular) relataram uma experiência mediana, e 6,48% (experiência negativa) tiveram uma experiência negativa.

Sobre aspectos sociais, como a vergonha de revelar que está em psicoterapia, a maioria dos participantes que realiza o tratamento, 72,22%, relatou não sentir constrangimento. Contudo, é importante destacar que a pesquisa revelou que uma parte considerável dos participantes, 26,85%, ainda sente vergonha ao admitir que faz psicoterapia.

Esse sentimento pode ser atribuído a vários fatores, incluindo o contexto social em que estão inseridos, além de estigmas e preconceitos persistentes, que ainda vinculam a psicoterapia a uma conotação negativa. Segundo a pesquisa de Sousa *et al.* (2022), o preconceito em relação à saúde mental está enraizado em estereótipos que associam o sofrimento psíquico à incapacidade e à ameaça, reforçando a exclusão social. Esse preconceito torna difícil a implementação de ações inclusivas e sustenta uma visão estigmatizada da saúde mental.

A maior parte dos participantes busca o tratamento por meio de clínicas privadas (48,15%) e convênios médicos (31,48%). Esses dados indicam que a psicoterapia é majoritariamente acessada através de canais privados e cobertura por planos de saúde. Em contraste, o acesso por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) representa uma parcela menor (12,96%), e projetos sociais correspondem a apenas 6,48%.

Segundo Galdeano (2023), nove em cada dez municípios brasileiros possuem menos de um psicólogo por mil habitantes no Sistema Único de Saúde (SUS), o que restringe significativamente o acesso aos cuidados psicológicos. Mesmo com o aumento dos transtornos mentais na população, a falta de profissionais impede um

atendimento adequado, agravando o sofrimento mental de quem necessita desses serviços. Essa escassez reflete uma distribuição desigual de profissionais, dificultando o acesso em diversas regiões e expõe a fragilidade do sistema público de saúde em lidar com a crescente demanda por atendimento psicológico.

A Tabela 4 apresenta dados sobre o número de pessoas que fazem terapia atualmente e qual importância elas tem dado para a saúde mental.

Tabela 4 – Adesão à terapia e níveis de valorização da saúde mental entre os entrevistados

<b>Variáveis</b>	<b>Participantes N= 198 %</b>
<b>Você faz terapia atualmente?</b>	
Sim	32 (16,16%)
Não	166 (83,84%)
<b>Qual a importância você tem dado para a sua saúde mental?</b>	
Muita atenção	91 (45,96%)
Pouca atenção	85 (42,93%)
Não tenho dado nenhuma atenção	22 (11,11%)

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

De acordo com a Tabela 4, 83,84% dos participantes relataram não fazer nenhum acompanhamento psicológico. Entretanto, sobre a importância que tem dado para a saúde mental, 45,96% estão dando muita atenção, 42,93% pouca atenção e 11,11% não estão dando nenhuma atenção. Embora 45,96% tenha respondido que estão dando muita atenção, se levarmos em consideração a soma dos números de pessoas que estão dando pouca ou nenhuma, a porcentagem é consideravelmente superior.

Apesar da população ter consciência da importância da saúde mental, ainda há uma tendência a priorizar outras preferências. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Cactus, apenas 5% dos brasileiros relataram fazer psicoterapia. Cerca de 19% consultaram um psicólogo ou psiquiatra em algum momento no último ano, mas a grande maioria não ultrapassou cinco encontros. A maioria dos brasileiros (55,8%) afirma nunca ter procurado um profissional de saúde para lidar com questões relacionadas a transtornos de ansiedade (Instituto Cactus, 2023).

## **CONCLUSÃO**

Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, no que tange à representação social do psicólogo clínico, foi possível constatar, segundo os dados da pesquisa, que ocorreram significativos avanços na compreensão popular acerca do que se designa o agir do psicólogo. Esse fenômeno pode estar relacionado à atuação durante a pandemia, quando uma grande parte da população mundial buscou apoio psicoterapêutico para lidar com as dificuldades do período, o que ampliou o contato com o trabalho psicológico e, conseqüentemente, sua disseminação.

Outras variáveis com possíveis impactos na maior desenvoltura intelectual sobre o tema correspondem ao desenvolvimento da propagação científica no que diz respeito a psicologia nos veículos de comunicação, como redes sociais e reportagens em emissoras. A abertura social para o diálogo sobre aspectos da saúde mental e seus impactos no indivíduo vão na contramão do que antes era vivenciado por aqueles que necessitavam em demasia de cuidados psicológicos. O medo de serem vistos como doentes mentais e, conseqüentemente, serem marginalizados ou excluídos socialmente, reflete o impacto direto desses estigmas sociais.

No que tangencia as expectativas no agir do psicólogo, os dados possibilitaram a compreensão de que majoritariamente os respondentes possuem o entendimento de que o psicólogo irá lhe ensinar ferramentas e técnicas para que possa lidar com seus pensamentos e emoções. Tal fato corrobora o exposto anteriormente de que a maior disseminação de informações correspondentes à atuação profissional do psicólogo auxilia no direcionamento das expectativas dos clientes em relação ao processo terapêutico. Ademais, a postura do profissional e uma exímia estruturação do vínculo terapêutico possuem extrema relevância na consolidação da visão acerca do trabalho realizado.

Os estigmas que outrora eram referenciados à profissão foram gradativamente sendo desmantelados e em seu lugar foi sendo construída uma visão mais adequada e alicerçada no real exercer do profissional. Por fim, no que se refere ao abandono ou baixa adesão à psicoterapia se fazem consoantes ao contexto socioeconômico apresentado no país somado a uma efêmera relação terapêutica.

Assim sendo, é de relevância crescente a representação social do psicólogo clínico, consciente de que ainda existe uma escassez de estudos sobre o tema. Essa lacuna de conhecimento pode limitar a compreensão de como esses profissionais são vistos pela sociedade, podendo impactar sua prática e aceitação. Por conseguinte, se

faz necessário que novas pesquisas sejam realizadas com o objetivo de abordar os estigmas que ainda se fazem presentes acerca do papel do profissional, explorando as diversas dimensões dessa representação, promovendo maior entendimento sobre as expectativas, estigmas e desafios enfrentados pelos psicólogos clínicos no exercício de sua função.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, S. P.; FONTE, C. A.; MARTINS, L. Abandono do tratamento em psicoterapia: fatores sociodemográficos, institucionais e clínicos. **Contextos Clínicos**, vol.13, n.1, p.36-59, jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2020.131.03/60747837>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- BORSEZI, C. S. et al. Representação social da psicologia e do psicólogo sob o olhar da comunidade de Assis/SP - Brasil. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2006. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/33/36> Acesso em: 04 nov. 2024.
- CARDOSO, M. M. O. C. **Expectativas de resultado pré-tratamento e abandono precoce em psicoterapia**. 2021. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2021. Disponível em: [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10743/1/DM\\_33539.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10743/1/DM_33539.pdf). Acesso em: 18 out. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org). Reflexões e orientações sobre a prática da Psicoterapia. Brasília, 2022. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno\\_reflexoes\\_e\\_orientacoes\\_sobre\\_a\\_pratica\\_de\\_psi\\_coterapia.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno_reflexoes_e_orientacoes_sobre_a_pratica_de_psi_coterapia.pdf). Acesso em: 20 out. 2024.
- CORDIOLI, A. V.; GREVET, E. H. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 31-38, 2019. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/cordioli-psicoterapias-abordagens-atuais-4-ed-2019-pdf-free.html>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- COSTA, J. C.; LIMA, G. M.; GOMES, F. P.; SANTOS, T. S. O vínculo terapêutico como ferramenta efetiva para a terapia psicanalítica. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 24, n. 1, jan. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/56667>. Acesso em: 20 out. 2024.
- DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 2, p. 381-387, maio 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7dTyvpTbPQW9XfFsgk4shcn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- ESSARTS, G. F.; HACK, S. K.; VALENTINI, L. C.; BRENNER, E. B.; RAMIRES, V. R. R. Adesão e abandono em psicoterapia psicanalítica na perspectiva de adolescentes. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 34, n.1, p. 145-168, jan 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v34n1/08.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

EUFRÁZIO, W. N.; GOMES, A.; KATSURAYAMA, M. A visão dos universitários sobre o papel do psicólogo: uma representação social. **Psicol. Ver.** (Belo Horizonte), v.20, n. 2, p. 232-242, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n2/v20n2a03.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FEDATO, F. F. **Comportamento de busca de ajuda em saúde mental entre estudantes de graduação.** 2021. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de concentração em Saúde da Criança e do Adolescente) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1858>. Acesso em: 7 out. 2024.

FERMIANO, B.; GOULART, M. D. Psicoterapia é escolha de 2% dos brasileiros para resolver problemas pessoais. 2016. Disponível em: [https://marketanalysis.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Release\\_-\\_Psicoterapia.pdf](https://marketanalysis.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Release_-_Psicoterapia.pdf). Acesso em: 21 out. 2024.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4. Imago Editora, 1900.

GALDEANO, L. 9 em cada 10 cidades têm menos de um psicólogo por mil habitantes no SUS: Baixo número de profissionais apurado em levantamento dificulta acesso a consultas e pode piorar sofrimento mental. **Folha de S. Paulo**, 16 set. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/09/9-em-cada-10-cidades-tem-menos-de-um-psicologo-por-mil-habitantes-no-sus.shtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

GONÇALVES, S. P.; NOGUEIRA C. C, L.; SILVA M. V.; CARLOTTO, M. S. Mapeamento das representações sociais da Psicologia: um estudo em contexto português. **Estudos de Psicologia Campinas**, v. 40, p. 1-12. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/BG8xfrvrg6drfpCSQTGm3ZGH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GUIMARÃES, P. A. A. **Intervenções de diferentes conjuntos de abordagens psicoterápicas sobre comportamento alvo emitidos em sessões de psicoterapia.** 2022. 52 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), Universidade de Brasília (UnICEUB), Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/16109/1/21708651.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

INSTITUTO CACTUS, **Panorama da Saúde Mental**, 2023. Disponível em: <https://institutocactus.org.br/projeto/panorama-da-saude-mental/>. Acesso em: 15 out. 2024.

LAHM, C. R.; BOECKEL, M. G. Representação social do psicólogo em uma clínica-escola do município de Taquara/RS. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 79-92, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822008000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822008000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 jun. 2024.

MICHAELIS ONLINE. **Dicionário brasileiro da Língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/expectativa>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MORE, C. O. O.; LEIVA, A. C.; TAGLIARI, L. V. A representação social do psicólogo e de sua prática no espaço público-comunitário. **Paidéia**, v. 11, n. 21, p. 85-98. 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305425347010>. Acesso em: 01 jun. 2024.

OLIVEIRA, M. E. P.; LADEIRA, L. L. Importância da Ética na Prática da Psicologia Clínica. **XXII Simpósio de Ciências Aplicadas da FAEF**. Anais. Garça: Editora FAEF, 2019. Vol. 03, p. 106-115. Disponível em: <https://repositorio.faeff.br/cloud/ANAIS/2019/20230921161639-01159.pdf#page=106>. Acesso em: 6 out. 2024.

ORTOLAN, M. L. M.; SEI, M. B. O abandono da psicoterapia individual: revisão sistemática da literatura. **Psicologia Argumento**, v. 40, n. 110, p. 2314-2333 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27990>. Acesso em: 19 out. 2024.

PEREIRA, B. R. A. **A psicoterapia é mais eficaz do que a farmacoterapia no tratamento da depressão major?** 2019. 42 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal. 2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/121437/2/343995.pdf>. Acesso em 5 out. 2024.

PIPOLO, A. **As expectativas dos pacientes na psicoterapia: uma revisão de literatura**. 2017. 66 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6267/1/23558-OA.pdf>. Acesso em: 7 out. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. WMF Martins Fontes, 2009.

RUCHDESCHEL, K. L. G. **Representações Sociais sobre a profissão de psicólogos para ingressantes do curso de graduação em psicologia**. 2019. 123 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação) - Universidade de Taubaté, São Paulo. 2019. Disponível em: <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2017/dissertacoes/mdh/a/Kelly-Lima-Gama-Ruchdeschel.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SOUSA, P. F.; MACIEL, S. C.; PIMENTEL, C. E.; DIAS, C. C. V.; MENEZES, T. S. B. Modelo Explicativo de Não Adesão ao Paradigma Psicossocial da Saúde Mental. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 27, n. 4, p. 765–778, out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/yhRwBshpcL7PZCBZrNLHYL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2024.